

## Alfredo Guisado, entre o cosmopolitismo do *Orpheu* e a *Xente d'a aldea*

António Apolinário Lourenço

[Recibido, xaneiro 2011; aceptado, marzo 2011]

RESUMO Filho de galegos imigrados em Lisboa, Alfredo Guisado foi um dos principais amigos e colaboradores de Fernando Pessoa, tendo sido um dos fundadores da revista *Orpheu*, o primeiro órgão da Vanguarda portuguesa. Foi também um dos primeiros (e durante algum tempo dos únicos) a conhecer o segredo da heteronímia pessoana. Os poemas e os livros que publicou nos anos em que esteve ligado ao Modernismo português contam-se entre os mais representativos dos vários ramos do movimento órfico: o Paulismo, o Interseccionismo, o Sensacionismo. “O Guisado tem feito ultimamente extraordinárias e inesperadas coisas, versos ofuscantemente belos”, escreveu Fernando Pessoa numa carta a Côrtes-Rodrigues, em Março de 1915. Mas Guisado manteve sempre uma forte ligação à Galiza rural, onde passava sempre as suas férias de verão, e quando decide ser também poeta de língua galega (*Xente d'a aldea*, Lisboa, 1921), os seus versos serão completamente diferentes daqueles que escrevia na sua cidade natal. O nefelibata das margens do Tejo muda de personalidade ao cruzar o Minho e transforma-se num poeta popular, que canta o dia a dia das gentes da aldeia galega (a lareira, os trabalhos rurais, o enterro, a procissão). O registo esteticista dos versos de Lisboa é substituído pelo tom coloquial característico da poesia do *Rexurdimento* galego; o desdém alto do poeta órfico dá lugar ao compromisso político com a causa galeguista, anunciando o advento do intelectual e do jornalista que faria história na oposição ao regime de Salazar.

PALAVRAS CHAVE: Galiza, modernismo, nacionalismo, Portugal, vanguarda.

ABSTRACT Son of Galician emigrants to Lisboa, Alfredo Guisado was one of the main friends and contributors of Fernando Pessoa, being one of the founders of the journal *Orpheu*, the first means of Portuguese vanguard. He was also one of the first (and for some time the only one) to know the secret of the Pessonian heteronimy. The poems and books which he published during the years that he was linked to Portuguese Modernism have been counted amongst the most representatives of the various branches of the Orphian movement: Paulism, Intersectionism, Sensationism. “Guisado has lately produced some extraordinary and unexpected things, some beautifully dazzling lines” [“O Guisado tem feito ultimamente extraordinárias e inesperadas coisas, versos ofuscantemente belos”, wrote

Fernando Pessoa in a letter to Córtes-Rodrigues in March 1915. However, Guisado always kept a strong link to rural Galicia, where he used to spend his summer holidays, and when he decides to become a poet of Galician language (*Xente d'aldea*, Lisbon, 1921), his lines will be completely different from those he used to write in his native city. The dreamer from the banks of the river Tagus will change his character when crossing the river Miño and becoming a popular poet, who sings the daily routine of the people of the Galician town (the hearth, the rural tasks, the funeral, the procession). The aesthetic register of the lines in Lisbon is substituted by the colloquial tone characteristic of the poetry of the Galician *Rexurdimento*; the haughty scorn of the orphic poet will lead to his political compromise with the Galician cause, announcing the upcoming of the intellectual person and journalist who would make history in the opposition to the Salazar regime.

KEYWORDS: Galicia, Modernism, Nationalism, Portugal, Vanguard.

160 Filho de pais galegos imigrados em Lisboa<sup>1</sup>, Alfredo Pedro Guisado nasceu na capital portuguesa no dia 30 de Outubro de 1891. Como qualquer imigrante galego de segunda geração, e com uma situação económica relativamente desafogada (a família explorava o restaurante “Irmãos Unidos”, no centro de Lisboa, no Rossio), a sua integração na sociedade portuguesa era perfeita. Foi um dos principais amigos de Fernando Pessoa, tendo sido um dos fundadores da revista *Orpheu*, o primeiro órgão da Vanguarda portuguesa. Foi também, posteriormente, um acérrimo opositor do autoritarismo salazarista e marcelista, tendo ocupado durante largos anos o cargo de director-adjunto do diário *República*. Faleceu no dia 30 de Novembro de 1975, tendo, portanto, ainda assistido ao regresso da democracia, pela qual tão denodadamente se bateu.

O grupo geracional promotor do Primeiro Modernismo Português<sup>2</sup> começou a constituir-se em 1912, tendo por base a relação de amizade e cumplicidade estética entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Mas embora só a partir do início de 1914 haja testemunhos directos da integração de Alfredo Guisado nesse grupo, o seu nome aparece envolvido em todos os projectos iniciais do grupo do *Orpheu*, sendo claramente um dos companheiros

---

<sup>1</sup> O pai de Alfredo Guisado, Antonio Venancio Guisado, era natural da aldeia de Pias, enquanto a mãe, Benedicta Abril González, era natural de Mondariz, localidades situadas a poucos quilómetros de distância.

<sup>2</sup> Empregamos o lexema “Modernismo” na sua acepção portuguesa, isto é, com um significado próximo do da palavra castelhana “Vanguardia”.

em que Pessoa mais confiava. O autor da *Mensagem* menciona-o numa carta à mãe, de 5 de Junho de 1914, quando se refere a um rapaz “muito seu amigo” que vai passar uma larga temporada na Galiza (cf. Pessoa, 1999: 116), e aproveitando justamente as férias galegas de Guisado, combina com ele uma estratégia para enganar António Ferro, pois não queria que este soubesse que Alberto Caeiro, o heterónimo (ainda não assim designado) que pretendia revelar proximamente, não tinha existência real<sup>3</sup>.

Não admira, portanto, que, quando em Fevereiro de 1914 se publicou a primeira revista do grupo paúlco, *A Renascença*, sob a direcção de Carvalho Mourão, Alfredo Guisado fizesse parte do elenco de colaboradores, ao lado de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro. O poema com que colaborou na revista, intitulado “Asas quebradas”, viria a ser o texto final do livro que publicou em 1914, *Distância*:

Ergo-me em luz e fico sepultado  
Na sombra duma luz que se apagou.  
Uma águia cor do vento em voo errado  
Dentro em meu ser<sup>4</sup> em bruma penetrou.

Perdeu-se e já cansada foi poisar  
No templo onde de novo ajoelhei...  
Perfumou-se de som, quis-se elevar,  
E na escada do claustro a encontrei.

Tinha as asas quebradas, distendidas  
Sobre um Cristo da Cor, cujas pupilas  
Eram longes lembranças esquecidas.

---

<sup>3</sup> O embuste é revelado em carta a Côrtes-Rodrigues, datada de 4 de Outubro de 1914: “Como a única pessoa que podia suspeitar, ou, melhor, vir a suspeitar, a verdade do caso Caeiro era o Ferro, eu combinei com o Guisado que ele dissesse aqui, como que casualmente, em ocasião em que estivesse presente o Ferro, que tinha encontrado na Galiza «um tal Caeiro, que me foi apresentado como poeta, mas com quem não tive tempo de falar», ou uma coisa assim, vaga, neste género. O Guisado encontrou o Ferro acompanhado de um amigo, caixeiro-viajante, aliás. E começou a falar no Caeiro, como tendo-lhe sido apresentado, e tendo trocado duas palavras apenas com ele. «Se calhar é qualquer lepidóptero», disse o Ferro. «Nunca ouvi falar nele...» E, de repente, soa, inesperada, a voz do caixeiro-viajante: «*Eu já ouvi falar nesse poeta, e até me parece que já li algures uns versos dele*». Hein? Para o caso de tirar todas as possíveis suspeitas futuras ao Ferro não se podia exigir melhor” (Pessoa, 1999: 125-126). Há igualmente uma carta de 1 de Outubro de 1914, enviada da Galiza por Guisado a Pessoa, seguramente para este por sua vez a mostrar a António Ferro, que confirma a cumplicidade dos dois neste embuste pessoano (cf. Pessoa, 1996: 206-207).

<sup>4</sup> Grafado com maiúscula (“Ser”) na versão publicada na *Renascença* em 1914.

Fui águia e vi que a águia que voara,  
Era penumbra de águas intranquilas,  
Ânsias do longe em que me sufocara!

(Guisado, 1914: 32).

O poema corresponde perfeitamente, como se vê, à caracterização que Pessoa havia feito da nova poesia portuguesa nos artigos que publicou em 1912 na revista *A Águia*, nomeadamente na fusão que opera entre o material e o espiritual, o subjectivo e o objectivo<sup>5</sup>. As sinestésias, os paradoxos, ou a tematização da alteridade (o poeta que observa a águia que voa é ele próprio a águia que se vê voar) são efeitos estilísticos que inscrevem o poema dentro da estética paúlca, que correspondia ainda essencialmente a um simbolismo tardio e radicalizado.

162

Como se sabe, o Interseccionismo, que sucedeu ao Paulismo na cronologia interna do Modernismo português, constituía um grande avanço estético, porque colocava finalmente a nova literatura portuguesa no terreno da Vanguarda europeia. Herdeira do Cubismo de Picasso e do Simultaneísmo de Apollinaire, a estética interseccionista assentava na ideia do cruzamento ou intersecção de planos (passado e presente; sonho e realidade; objectivo e subjectivo) que permitissem uma visão poliédrica da realidade. Como já tinha acontecido com o Paulismo, que tinha como texto programático o poema “Pauis”, também o interseccionismo tinha como referência principal um poema pessoano, a “Chuva oblíqua”.

Curiosamente, o Interseccionismo começou por ter um carácter quase secreto, como se deduz de uma carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, datada de 2 de Dezembro de 1914, na qual o poeta de *Indícios de Ouro* se mostra desgostoso por constatar que António Ferro tinha já conhecimento do assunto: “Suponha você que o menino idiota, A. Ferro, foi hoje dizer aos maestrinos citados [Rui Coelho e Dom Tomás, que se propunham organizar uma sessão musical paúlca] que o paulismo a sério era o interseccionismo. Como raio o sabia ele? Perguntei-lhe. Diz que ouviu você falar muitas vezes nessa palavra ao

---

<sup>5</sup> Entre Abril e Dezembro de 1912, Fernando Pessoa publicou, na revista *A Águia*, órgão da *Renascença Portuguesa*, três artigos em que fazia o elogio da produção poética da geração saudosista. Defendendo que a poesia portuguesa vivia um dos momentos mais altos da sua história, previa a próxima emergência de um supra-Camões.

Guisado” (Sá-Carneiro, 1992: 25-26). Mais uma vez se nota a importância de Alfredo Guisado nos primeiros tempos do Modernismo português.

Essa importância confirma-se igualmente no facto de o poeta de origem galega fazer parte da lista de autores a incluir numa projectada *Antologia do Interseccionismo*, revelada numa carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, datada de 4 de Outubro de 1914 (cf. Pessoa, 1999: 126-127). O objectivo do grupo nestes anos transcende já claramente o rectângulo natal, como se pode constatar nesta carta de Sá-Carneiro a Guisado: “Que me diz das obras de A. Campos? Eu acho admiráveis, sobretudo a primeira (futurista) é para mim uma coisa enorme, genial e das maiores do Pessoa. Cada vez urge mais a Europa!” (Sá-Carneiro, 1977: 71).

A ideia da publicação da antologia interseccionista acabará por ser abandonada e substituída pela efectiva publicação da revista *Orpheu*, cuja história é bem conhecida. Guisado publica “Treze sonetos”, no primeiro número, distribuído em Março de 1915, não colabora por motivos obscuros no nº 2 e já não integra o elenco de colaboradores da revista, quando se prepara o nº 3, que acabará por não ser publicado (cf. Lourenço, 2009: 29-35). São conhecidos os motivos do distanciamento final de Guisado relativamente à revista: são políticos e não estéticos<sup>6</sup>. Quanto à sua ausência do nº 2, é possível que tenha tido origem nalguma pressão familiar (o escândalo provocado pelo primeiro número<sup>7</sup> não era seguramente uma boa publicidade para quem explorava um restaurante no centro de Lisboa), mas poderá ainda relacionar-se com o objectivo de Alfredo Guisado de se envolver na acção política<sup>8</sup> (também neste caso o escândalo não ajudava).

---

<sup>6</sup> A história é sobejamente conhecida. Crendo-se vítima de um atentado, o líder carismático do Partido Republicano, Afonso Costa, atirara-se de um carro eléctrico e corria perigo de vida. Irritado por uma nota do jornal republicano *A Capital*, que comparara os futuristas portugueses aos antigos bobos da corte, Fernando Pessoa enviou uma carta a esse jornal, em nome de Álvaro de Campos, declarando que a própria providência divina confirmava a importância do futurismo servindo-se dos carros eléctricos “para os seus altos ensinamentos”. Depois de *A Capital* revelar que afinal os futuristas eram criaturas de maus sentimentos, António Ferro e Alfredo Guisado, em carta ao jornal *O Mundo*, declararam-se desvinculados da revista *Orpheu* (cf. Júdice, 1986: 105-113).

<sup>7</sup> Incapaz de compreender e de aceitar a novidade estética introduzida pelo *Orpheu*, a imprensa portuguesa acusou os poetas modernistas de maluqueira e paranóia. Júdice (1986) recolheu um considerável número de artigos que a imprensa coeva dedicou à revista.

<sup>8</sup> Alfredo Guisado viria a ser, por exemplo, durante a vigência da Primeira República, deputado do Partido Republicano e vereador da Câmara de Lisboa, com o pelouro dos cemitérios, parques e jardins. Veja-se a propósito Camelo (1996: 7-12). No exercício das últimas funções referidas, é a Guisado que se deve a introdução do processo de cremação de cadáveres em Portugal, no Cemitério do Alto de S. João.

A verdade, porém, é que Alfredo Guisado continuou bastante ligado a Pessoa, de tal forma que, quando em Abril de 1916 se publicou o número único da revista *Exílio*, o artigo de Fernando Pessoa intitulado “Movimento Sensacionista”, no qual o poeta expunha os princípios básicos da corrente estética que, na sua cronologia artística pessoal, substituíra o Paulismo e o Interseccionismo, era em obras de Cabral do Nascimento e de Pedro de Menezes (pseudónimo utilizado na época por Alfredo Guisado) que se apoiava:

A breve e magistral colheita de sonetos, que o Sr. Pedro de Menezes fez para o seu público, marca bem a individualidade definida, que ele tem adentro do Sensacionismo. A exuberância abstracto-concreta das imagens, a riqueza de sugestão na associação delas, a profunda intuição metafísica que rodeia tanto os versos culminantes dos sonetos desta *plaque*, como, bastas vezes, a direcção anímica de certos sonetos integralmente – tantas são algumas das razões que um espírito esclarecido e europeu encontra para admirar e amar o *Elogio da Paisagem*. Como esta crítica não é feita para analfabetos, é inútil esmiuçá-la mais e fazer transcrições que, no lance, nada adiantariam. Basta que se aponte como são belos – acima dos outros, que são todos belos – os sonetos III (1.º), V, XIII (1.º) e, mais do que todos, o assombroso “Horas Mortas” [...] (Pessoa, 1986: 77).

164

Não sendo a obra poética de Guisado muito vasta e tendo-se limitado, quanto a publicações em livro a um período de catorze anos<sup>9</sup>, Lopes (1973: 715) sintetizou-a nestes termos:

A temática de Guisado evolui de um vago panteísmo junqueiriano e pascoalino, em que as coisas campestres se tomam como alegorias humanas (*Rimas da Noite e da Tristeza*, 1913), até à cisma ou obsessão do verdadeiro Eu, que veio da Distância, do Longe, para onde comunica pela Saudade, expressa numa linguagem entre saudosista e paúlca, fazendo aliás sentir muito bem neste último elemento as origens que ele tem nas sumptuosidades católico-simbolistas à Oliveira Soares e Eugénio de Castro (*Distância*). Oscila, pois, entre o pampsiquismo, um mundo de coisas-almas, e o neoplatonismo sub-

---

<sup>9</sup> Exceptuamos o volume póstumo *Tempo de Orpheu II*, organizado por Camelo (1996). Os livros publicados em vida de Alfredo Guisado foram os seguintes: *Rimas da Noite e da Tristeza* (1913), *Distância* (1914), *Elogio da Paisagem* (1915), *As treze baladas das mãos frias* (1916), *Mais Alto* (1917), *Ânfora* (1918), *A Lenda do Rei Boneco*, (1920), *Xente d’a aldeia*. *Versos gallegos* (1921) e *As cinco chagas de Cristo* (1927). Os volumes publicados entre 1915 e 1918 foram objectivo de reedição num volume único publicado em 1969, intitulado *Tempo de Orfeu*. É neste último livro que o nome do poeta, depois das oscilações entre Alfredo Pedro Guisado e Pedro de Menezes, se fixa definitivamente em Alfredo Guisado.

jectivista, o “sonho de um Céu que se vê e existe”, e o que resgata em *Distância* estes lugares-comuns é a elegância do verso (“meu pobre corpo, ainda te rodeiam / leves indícios de ter sido alma”), a emergir da muita alegoria espremida e transparente, muita joalheria, muitas imagens palacianas ou monacais, imperadores, reis, castelãs, donzelas, jardins, lagos, cisnes, monges...

Falta, evidentemente, neste parágrafo a referência à poesia galega de Alfredo Guisado<sup>10</sup>. Efectivamente, o poeta, que nunca perdera o contacto com as suas raízes galegas, viria a publicar em 1921, em Lisboa, com a chancela prestigiosa da editora Aillaud e Bertrand, um livro de versos no idioma de Rosalía de Castro, intitulado *Xente d'a aldea*. Para além de ser dedicado a Castela, o livro apresentava na capa uma gravura, representando uma jovem galega, da autoria do próprio Castela, um dos principais expoentes do nacionalismo galego<sup>11</sup>.

Por aqueles anos, a literatura e a cultura galegas ganhavam um novo fôlego. Em 1916, eram criadas as Irmandades da Fala, que elegeram Antón Vilar Ponte “Primeiro Conselheiro”, e iniciava-se a publicação de *A Nosa Terra*, órgão da Irmandades da Fala, redigido inteiramente em língua galega. Em Novembro de 1918, realizou-se em Lugo a “I Asemblea Nazonalista”, onde se definiu a Galiza como uma nação e de onde emergiu igualmente a reivindicação da co-oficialidade do galego. Alfredo Guisado foi extremamente sensível a essa reafirmação do galeguismo, estabeleceu contactos directos com Antón Vilar Ponte e nas páginas do *Diário de Lisboa*, em 20 de Maio de 1921, defendeu a realização, na capital portuguesa, de uns “Jogos Florais Galaico-Portugueses” ou de uma *semana galeguista* (cf. Vidal, 1984).

Tanto temática como ideologicamente, o livro de Guisado está muito próximo das produções dos nacionalistas galegos, herdeiros do *Rexurdimento*

---

<sup>10</sup> Sobre os versos galegos de Alfredo Guisado, Lopes (1973: 716-717) registou: “Lêem-se com agrado totalmente novo os «Versos galegos» de *Xente d'A Aldea*, 1921. Guisado chama a si toda a ternura da sua ancestralidade galega; tira partido do sabor tão doce dessa versão arcaizante da nossa língua que se fala nas aldeias para além Minho, com os seus meigos diminutivos («As estreliñas de ouro están na serra / pousadiñas e quietas a mirarnos»). A evocação da terra, paisagem e tipos resalta em pequenos quadros dialogados de costumes, deliciosos de autenticidade, e a que nem mesmo falta a nota discretamente heróica de uma resistência à absorção castelhanizante e sobretudo à exploração social”.

<sup>11</sup> Há uma edição moderna do livro, com um estudo de Eloísa Álvarez, incluída em Consiglieri *et. al.* (2002: 212-248).

oitocentista<sup>12</sup>. Para o companheiro de Pessoa, a pátria dos seus antepassados é uma terra aprisionada, parada no tempo e, de certo modo, esquecida pelo próprio poeta:

Miña aldea, miña aldea,  
Fume d'un lume apagado,  
Libro de sombra fechado,  
Miña esquecida candeia  
Com que procur'o pasado.

(Guisado, 1921: 9).

Os temas predominantes no livro, para além da omnipresente questão migratória, relacionam-se com as ocupações e o lazer característicos do mundo rural da periferia peninsular: as procissões, os enterros, cenas domésticas à lareira (mas lamentando-se a ausência de notícias do pai), a desfolhada, a fiação do linho, os gaiteiros, o regresso dos trabalhos agrícolas ao pôr-do-sol, tanto de jovens como de idosos (“Ô volver pr'a casa”). Dois dos poemas põem em destaque a fraternidade luso-galega:

166

Choray, meu ollos, choray.  
Portugal, meu hirmanziño,  
A Soedade é nosa nay,  
Nosso berce, o rio Miño.

(Guisado, 1921: 13).

E o soneto final contém um explícito incitamento à revolta:

E d'os montes, d'as veigas, d'os camiños,  
Pra libertarte veñen os teus fillos...  
Yhasta, lonxe, n'os rios, os moiños  
Xá non moen fariña, son castillos.

Por fin d'a torre fria van sacarte,  
Erguendo ese teu nome po-lo mundo  
Envolvido n'a luz d'un ben profundo...  
;Hast'o mar, hast'o mar quer abrazarte!

---

<sup>12</sup> Veja-se a repercussão imediata do livro de Guisado em Camelo (1985).



Y-o teu nome resona hasta n'as fontes.  
Toda-las bocas berram, todas cantan.  
Fouces mangadas pasan po-los montes.

Xá os gritos d'a Vitoria, lonxe, empezan,  
As coores d'a bandeira se levantan  
Y-os teus fillos, Galicia, agora rezan.

(Guisado, 1921: 61).

Por tudo o que fica dito, podemos concluir que nos revemos inteiramente nas palavras que dedicámos ao volume galego de Guisado na “Introdução” à nossa edição de *Tempo de Orfeu*:

O tom geral do livro remete para um rusticismo deliberado, que traduz tanto o facto de ser esse o registo linguístico dos poetas galegos do *Rexurdimento* (e dos seus sucessores), como evidencia ter sido o povo humilde e aldeão quem melhor havia resistido à castelhanização linguística e cultural. Não esqueçamos que em 1921 não havia sequer um léxico ou uma ortografia estabilizados, sendo a fala do *labrego* a grande base da reconstituição linguística do galego moderno. O esteticismo paúlco da poesia em português de Guisado é portanto substituído, na grande maioria dos poemas, por uma linguagem directa, denotativa, popular (Lourenço, 2003: XLI).

167

O contraste com o Guisado de *Tempo de Orfeu* não podia ser mais evidente. Mas será realmente inesperado que o afecto pela terra galega tenha assumido esta concretização na vida e na obra guisadiana? Não haverá indícios anteriores que ajudem a compreender que um escritor que se exprime numa língua culta, idioma oficial de dois países independentes e de diversos territórios ultramarinos, e que dentro dessa língua pertença a uma elite intelectual ciosa da sua superioridade sobre a burguesia lepidóptera<sup>13</sup>, se disponha a usar como veículo de expressão literária um idioma marginal na sua própria terra e ainda debilmente normativizado?

Se recuarmos até ao primeiro livro de poesia publicado por Alfredo Guisado, compreendemos perfeitamente que o seu interesse pela Galiza não

---

<sup>13</sup> Os lepidópteros são uma ordem de insectos a que pertencem as borboletas e as traças. Mas era também o termo usado pelos jovens modernistas portugueses para designar os burgueses incapazes de compreender a arte nova.

apareceu subitamente na sua vida em 1921. Guisado publicou as suas *Rimas da Noite e da Tristeza* em 1913, com apenas vinte e dois de idade, numa importante editora lisboeta, a Livraria Clássica Editora, com sede na Praça dos Restauradores, ou seja, muito próxima do restaurante da família. Trata-se um livro que podemos incluir numa linha estética fundamentalmente neo-romântica, temperada pela leitura dos saudosistas, onde claramente ecoam, entre outras, as vozes de António Nobre e Rosalía de Castro<sup>14</sup>, como podemos verificar na seguinte estrofe do poema “Os sinos”:

Os sinos nos campanários  
Não dormem nunca, vigiam;  
São guardas extraordinários...  
'Stão a ver se vem alguém  
perturbar o sono eterno  
Dos que dormem em redor...  
Nas frias noites de inverno,  
Pergunta o triste cantor  
Ao vento que vai passando  
A gemer de quando em quando:  
— “Viste no caminho alguém?”  
E o vento que vai p'ra longe  
Responde: — “Não vi ninguém.”

(Guisado, 1913: 9).

Como o primeiro livro de Guisado tem a extraordinária vantagem de quase todos os poemas estarem datados e localizados (apenas oito dos trinta e cinco textos não identificam o ano e o local em que foram produzidos), podemos facilmente constatar que todos os dados foram compostos em 1911 e 1912 e que na sua maioria foram escritos em Espanha, sobretudo em Mondariz (dezassete), mas também na Corunha (dois), em Monforte ou até em Madrid (apenas um em cada uma destas localidades). Ainda mais significativo é o facto de, tematicamente, ser avassalador o predomínio dos ambientes rurais sobre os (presumivelmente) urbanos ou indefinidos. Tendo em conta que, em Portugal, Alfredo Guisado sempre viveu em Lisboa, pode obviamente deduzir-se que o mundo rural que encontra expressão nestes seus versos é o espaço campestre

---

<sup>14</sup> Na esteira de Lopes (1973), Pereira (1979: 161-162) aponta Junqueiro e Pascoaes como principais influências nesta etapa poética de Alfredo Guisado.

do sul da Galiza, de onde os seus pais haviam emigrado para Portugal. São apenas seis os poemas em que Guisado menciona Lisboa como local da redacção.

É claro que, devido às características tardo-românticas destes poemas, em geral as referências espaciais têm um carácter relativamente difuso, afastando-se do tipo de descrição realista. Mas também é evidente que as alusões aos campanários, aos vales, aos velhinhos à porta de uma casa, aos pinhais, ao trigo, às moças que regressam do trabalho no campo, remetem de modo evidente para uma sociedade humana de tipo rural, que não pode confundir-se de nenhum modo com o espaço lisboeta onde se movia Alfredo Guisado.

Um poema particularmente significativo para exemplificar o que acabámos de escrever, sobretudo porque contém grande parte dos ingredientes temáticos que assinalámos, é o intitulado “Ao entardecer...”:

Junto à fonte uma loura rapariga,  
Está cantando uma canção que encanta,  
Tem tanto sentimento essa cantiga  
Que nem se sabe bem qual delas canta.

Vão mendigos pedindo p’lo caminho...  
Mais longe ceifam trigo... o rio corre...  
Um pardal num beiral faz o seu ninho.  
Em cima das montanhas o Sol morre.

Tocaram p’ra novena. Escureceu.  
P’lo manto de que está vestido o céu  
Muitas estrelas pálidas nasceram.

E p’la estrada lá vão os bois cismando,  
Tão tristes que parece irem pensando  
Nalgum ente querido que perderam!

(Guisado, 1913: 56).

Escrito em Mondariz, em 1912, é perfeitamente clara a inspiração local do poema. Como se vê, estamos perante um poema representativo da poesia de fim-de-século e início do século XX, privilegiando os ambientes crepusculares, em que o ocaso do Sol se associa à ideia da morte. O poema constrói-se

através de uma justaposição de imagens sonoras e visuais, dificilmente compagináveis sem procedermos a uma certa contracção do tempo cronológico. Ou seja: o poeta procede como se todas aquelas impressões acústico-visuais tivessem sido colhidas num momento único, quando, na realidade, entre a percepção das gentes que ceifam o trigo (forçosamente ainda com o Sol no horizonte) e a observação das estrelas que povoam o céu teriam de passar necessariamente longos minutos (talvez no mínimo uma hora).

Mas o que nos importa sublinhar é que todas as imagens de que se compõe o poema nos remetem para o espaço rural denunciado pelo local de composição. É verdade que a rapariga que canta junto à fonte, o mendigo que se arrasta pelo caminho (não uma rua), os trabalhos agrícolas, as montanhas atrás das quais o Sol se põe, o toque para a novena e as estrelas (imperceptíveis numa grande cidade, devido à iluminação artificial, mas tão presentes no espaço aldeão) são apenas o cenário que permite ao poeta extravasar as suas emoções subjectivas; e não são, evidentemente, os bois que vão cismando “nalgum ente querido que perderam”, mas é profundamente significativo que Alfredo Guisado, mesmo invertendo a lógica semântica, recolha à paisagem rural galega para dar algum conteúdo objectivo à expressão dessas emoções.

170

De qualquer modo, nenhum poema do livro é tão claro relativamente à consciência que o poeta tem de viver entre dois mundos, de certo modo antagónicos, do que o poema “Duas terras”.

Para além de tematizar a questão da emigração, tão recorrente na cultura galega, o poeta questiona a sua própria identidade social, apresentando-se como um ser dividido entre duas pátrias, a que entende não poder pertencer da mesma maneira.

Na primeira parte do poema, está presente, de modo explícito, o seu amor à terra galega, que não nomeia nunca enquanto tal mas que é facilmente reconhecível:

Aldeia em que vivi!... Quantas cantigas,  
Quantas cantigas te adormecem, belas,  
Belas moçoilas ao voltar dos prados  
Nas suas vestes regionais, singelas.

(Guisado, 1913: 67).

Subitamente, o poeta é abalado por uma espécie estremeção decorrente da sua consciência de pertença a um outro mundo:

Não és a minha terra, eu não nasci  
Nessas casinhas postas nos trigais,  
Mas és a terra, a terra abençoada,  
Onde nasceram meus avós, meus pais...

(Guisado, 1913: 67).

É extremamente dolorosa a escolha que o poeta tem de fazer entre a pátria de origem e a pátria de chegada, e não enjeita a oportunidade de colocar nos seus versos o drama do emigrante (o dos seus pais), que abandona a terra que não lhe proporciona o sustento necessário:

Quando parti p'ra te deixar tão longe,  
Vinha também p'ra conquistar a vida,  
Um jornaleiro que não tinha pão  
E que deixava a terra estremeçada.

E assim lhe ouvi dizer, triste, a chorar:  
— “Adeus campos de trigo que ceifei,  
Sino da minha aldeia que escutei  
E tantas vezes, tantas, me embalou.  
Minha terra adorada, ó terra qu'rida,  
Ó terra onde nasceram os meus pais,  
Eu te dirijo a minha despedida!”

E fez-me repetir triste também:  
— “Ó terra onde nasceram os meus pais,  
Eu te dirijo a minha despedida!”

(Guisado, 1913: 67-68).

O poema foi composto em Lisboa em 1911, e naquele momento era óbvio para o poeta, nascido e educado em Lisboa, e como esclarece a derradeira estrofe, qual era a sua verdadeira pátria:

Porém sentindo assim  
A Nostalgia rápida de ti,  
Não julgues que te quero como quero  
Ao lindo Portugal, onde nasci!

(Guisado, 1913: 68).

O percurso posterior de Guisado é conhecido e já foi aqui sumariamente rememorado. Nos anos seguintes, empenhar-se-ia de alma e coração na grande tarefa de regeneração das letras nacionais encetada pela revista *Orpheu*. Entregar-se-ia também à causa pública durante a Primeira República. Mas as suas raízes galegas não deixavam de chamar por ele. Assim surgiu *Xente d'aldea* e um conjunto de projectos de aproximação luso-galega que provavelmente teriam outro fim se o triunfo de regimes totalitários nos dois países ibéricos não tivesse colocado um muro fisicamente intransponível a separar as duas margens do rio Minho.

*António Apolinário Lourenço*

Universidade de Coimbra – Centro de Literatura Portuguesa

## Bibliografia

Camelo, José António Fernandes. 1985. “Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes”, em *Agália*, nº 2, pp. 191-196.

172

— 1996. “Evocando Alfredo Guisado”, em *Tempo de Orpheu II*. Santiago de Compostela: Laiovento, pp. 7-12.

Consiglieri, Carlos, et. al. 2002. *Alfredo Guisado: Cidadão de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.

Guisado, Alfredo. 1913. *Rimas da Noite e da Tristeza*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

— 1914. “Asas quebradas”, em *A Renascença. Revista Mensal de Crítica, Literatura, Arte, Ciência*, p. 13.

— 1914. *Distância*. Lisboa: Livraria Ferreira.

— 1915. *Elogio da Paisagem*. Lisboa: Livraria Brasileira.

— 1916. *As Treze baladas das mãos frias*. Lisboa: Livraria Brasileira.

— 1917. *Mais Alto*. Lisboa, Lisboa: Livraria Brasileira.

— 1918. *Ânfora. Sonetos*. Lisboa: Portugália.

— 1920. *A Lenda do Rei Boneco*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand.

- 1921. *Xente d'a aldea. Versos gallegos*. Lisboa-Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand.
- 1927. *As cinco chagas de Cristo*. Lisboa: Livraria Universal.
- 1969. *Tempo de Orfeu* (estudo de Urbano Rodrigues). Lisboa: Portugalíia.
- 1996. *Tempo de Orpheu II* (ed. J.A. Camelo). Santiago de Compostela: Laiovento.
- Júdice, Nuno. 1986. *A era do “Orpheu”*. Lisboa: Teorema.
- Lopes, Óscar. 1973. *Histórias Ilustradas das Grandes Literaturas. Literatura Portuguesa (2.º Vol.)*. Lisboa: Estúdios Cor, pp. 715-717.
- Lourenço, António Apolinário. 2003. “Introdução”, em *Tempo de Orfeu*. Coimbra: Angelus Novus, pp. XI-XLIV.
- 2009. *Fernando Pessoa*. Lisboa: Edições 70.
- Pereira, José Carlos Seabra. 1979. “Trajectória estética e temática maior da poesia de Alfredo Pedro Guisado”, em *Do Fim-de-Século ao Tempo de Orfeu*. Coimbra: Almedina, pp. 161-199.
- Pessoa, Fernando. 1986. *Textos de intervenção social e cultural. A ficção dos heterónimos* (ed. António Quadros). Mem Martins: EuropaAmérica.
- 1996. *Correspondência inédita* (ed. Manuela Parreira da Silva). Lisboa: Livros Horizonte.
- 1999. *Correspondência. 1905-1922* (ed. Manuela Parreira da Silva). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Sá-Carneiro, Mário. 1977. *Cartas a Luís de Montalvor / Cândida Ramos / Alfredo Guisado / José Pacheco*. Porto: Limiar.
- 1992. *Cartas a Fernando Pessoa. Vol. II*. Lisboa: Ática. 2ª ed.
- Vidal, A. Lúcio. 1984. “Alfredo Guisado, poeta galego-português, em *Grial*, nº 83, pp. 29-40.